



QUANDO O *LÓGOS* SE MATERIALIZA EM ARTE

O artista plástico **Geraldo Lacerdine** concedeu uma entrevista à **Lumen et Virtus** para falar a respeito de sua obra e da importância de romper paradigmas por meio da Arte

Somos iguais na diferença! Embora paradoxal, tal frase define nossa condição humana, afinal o que temos de semelhante, quanto a nossa condição física, somos diferentes quanto a nossa individualidade, formação e inserção social. Tais características nos tornam únicos, a ponto de enxergarmos o mundo, senti-lo ou interagir com ele de forma particular, ampliando nosso nível de conhecimento e complementando-o de forma contínua: nunca somos os mesmos, lembrando Heráclito.

Muitas vezes, tais contornos são influenciados por um aspecto essencial à vida humana – afinal somos iconotrópicos – e inerente a nossa percepção de mundo: as **imagens**. Somos levados, na maior parte do tempo, ou a adotar determinados conceitos, condicionados pelo poder imagético e sua capacidade de rotulação das coisas; ou, simplesmente, a aceitar sua representação como fato sem, muitas vezes, sequer as questionar.

Um forte exemplo está na questão religiosa e na idealização imagética do divino. Ao pensarmos na imagem de Jesus, por exemplo, automaticamente vem à mente de muitos a figura de um homem branco, com cabelos compridos, inclusive com olhos azuis. Construção fomentada pelos meios comunicacionais que o retratam dessa maneira, seja em livros, filmes ou descrições, como no modelo difundido pela série de TV anglo-italiana, Jesus de Nazaré, de Zefirelli

Mas, podemos perguntar, se não há nenhum registro da imagem de Jesus, por que aceitar um modelo como único? Rompendo esse e outros paradigmas frente ao sacro, temos o artista Geraldo Lacerdine, cuja mostra **O Sagrado Primitivo – o intermédio de dois**



mundos ficou em cartaz em São Paulo no Conjunto Nacional e no Colégio São Luiz, em 2017, mas retorna agora no mês de setembro na PUC do Rio de Janeiro.



Figura 1
Proteção da Fauna

Artista plástico reconhecido tanto no Brasil, como no exterior, Lacerdine também já expôs seus trabalhos na Itália, na Polônia e nos Estados Unidos. Nascido em Minas Gerais, na cidade de Pará de Minas, o artista já foi sacerdote católico e diretor do tradicional Colégio São Luiz, em São Paulo. Ele concedeu uma entrevista à **Lumen et Virtus** para falar sobre arte, fé, sua trajetória profissional e, de modo especial, sua mostra **O Sagrado Primitivo**,



bem como a nova mostra que esteve em cartaz, em São Paulo, no Conjunto Nacional em julho de 2018: **A Vila do Sino**.

Numa conversa inicial com Jack Brandão e a jornalista Mariana Mascarenhas, Lacerdine destaca uma de suas obras de **O Sagrado Primitivo**: “Proteção da Fauna” (fig. 1), que consiste na imagem de um anjo negro, com o peito e parte do ventre à mostra, por meio de uma interação entre a beleza do sagrado e do humano numa esplêndida mistura multicultural. O artista conta ter se inspirado em Iansã – orixá que representa a força dos ventos, o poder da natureza e a força feminina. A mulher guerreira e corajosa que não tem medo de ir à luta.

“Nesta pintura eu trabalhei a questão do poder da virilidade; mas, ao mesmo tempo, a androgenia da própria imagem, pois, apesar de parecer uma figura masculina, tem contornos femininos. Todavia, no universo da manifestação do sagrado, a dimensão do gênero pouco importa”, afirma Lacerdine.

Segundo o artista, o sagrado pode se manifestar de diferentes formas: por meio da natureza, das relações humanas, das energias vitais que perpassam a química, a física etc. Além de “Proteção da Fauna”, Lacerdine também retrata um anjo negro numa mistura entre sagrado e humano em “Proteção da Flora” (fig. 2). Para as duas imagens, ele disse ter buscado inspirações do candomblé e das culturas afro-brasileiras.

“Para as culturas africanas, as personificações são potências da natureza. Iansã é uma potência, não uma deusa. Pode-se dizer, por exemplo, que a água doce e o fogo estão presentes na personificação de Iansã. E quando eu uno esta ideia de potência da natureza com a potência do criador, fica lindo”, afirma Lacerdine, quem completa que, assim como a orixá é uma força da natureza, a manifestação do sagrado pelos anjos do cristianismo são forças da Criação.

Essas representações são, de certa forma, a materialização do *lógos* em imagem, como destaca Jack Brandão, ressaltando que tanto os orixás quanto os anjos não são deuses, estão abaixo destes, e são corporificados nesta transformação do *lógos*, que também não deixar de ser imagem.

Foi justamente a questão da materialização do *lógos* que inseriu Lacerdine no universo da pintura. “Quando eu tinha seis anos de idade, aproximadamente, eu observava minha irmã



mais velha desenhar e pensava: ‘Como ela consegue materializar a ideia no papel?’ O meu fascínio pelo desenho e pela pintura começou a partir daí, da possibilidade de concretização da ideia”, destaca.

Confira a entrevista na íntegra com o artista:



Figura 2
Proteção da flora

LV – Conte um pouco da sua trajetória como sacerdote e artista.

GL – Estive em contato com a dimensão artística antes da dimensão religiosa e vocacional. Eu desenho e pinto desde os sete anos de idade, pois sempre tive muita habilidade com desenhos. Há um segredo: para produzir uma boa pintura, é preciso ter um bom desenho antes, não basta ser só pintor, é necessário ser um bom desenhista primeiro. Sempre desenhei muito. Já a vontade de seguir a vocação religiosa aconteceu quando eu tinha 16 anos, havia acabado de me formar no Ensino Médio e estava no momento de prestar vestibular. Nesse período, eu entrei numa forte crise sobre o que fazer da vida, tanto que prestei vestibular



para Arquitetura, Medicina e Engenharia, pois não sabia que área seguir, até que passei em Medicina na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O fato de passar num vestibular de Medicina já define toda a sua vida. Isso me gerou uma crise tão grande, porque eu não tinha certeza se queria aquilo. A única coisa que eu tinha certeza era que queria fazer algo para ajudar alguém. Por isso que a Medicina apareceu de alguma maneira. Quando eu voltei para a casa dos meus pais e falei a eles que tinha passado em Medicina, a família me pressionou a seguir em frente.

Acabei trancando a matrícula! Não comecei a estudar Medicina naquele semestre e fui participar de uma missão no sertão mineiro, onde trabalhei com os franciscanos. A missão envolvia povos muito pobres do Vale do Jequitinhonha. Meu intuito era ficar apenas um mês e acabei ficando seis meses nesse trabalho com os pobres. Quando voltei de lá, já estava consciente de que não queria ser médico, o que foi terrível para minha família. Meu desejo era fazer algo no campo religioso, devido à influência dos franciscanos.

O motivo que me inseriu na vida religiosa, e isso é até hoje muito presente em mim, foi a possibilidade de fazer algo para os mais pobres, fazer a diferença na vida deles. Essa era a minha prioridade. Quando eu iniciei a formação religiosa na Companhia de Jesus, fui financiado por ela em diversos estudos: artes plásticas, filosofia, teatro, comunicação... Eu estudei tudo o que quis. A Companhia é muito sedutora, investe muito nos estudos e recebe muita gente capacitada nesta dimensão. Ela tem uma variedade de missões muito boa e seu trabalho é muito amplo. Todavia, embora meu desejo sempre tenha sido o trabalho com os pobres, meus superiores me designavam para trabalhar com quem não era pobre, como universitários e igrejas de classe média alta e classe alta. Mas todos foram lugares muito bons para trabalhar.

No entanto, eu fiquei muito feliz quando, num determinado momento da minha formação, eles me enviaram ao Peru. Fui à Amazônia peruana trabalhar com os povos indígenas. Para mim foi incrível. Eu vivi uma experiência de dois anos com esses povos, e foi algo muito gratificante e forte para mim, um divisor de águas. Mas, quando eu voltei ao Brasil, retornei ao mesmo ambiente de trabalho que não havia escolhido como causa.

Quando eu fui destinado a atuar no Colégio São Luís (*instituição localizada em São Paulo voltada para a classe média alta e classe alta*), onde fui diretor por quatro anos, eu tinha uma



convicção e então comecei a reverter minha lógica de causa: já que eu não posso trabalhar com os pobres diretamente, eu tenho que trabalhar indiretamente, eu posso ajudar os filhos dos ricos a serem melhores, mais solidários e mais compassivos. Todo o meu trabalho no Colégio São Luís foi realizado desta forma.

Por exemplo, um dos projetos que eu implementei na instituição foi o **Humanística**, tratava-se de um projeto de aprofundamento social, sobre como ajudar os filhos dos ricos a se tornarem pessoas cada vez melhores, apesar de serem ricos. Digo **apesar**, porque é interessante perceber, num trabalho auditivo com a classe alta, por exemplo, que, muitas vezes, os pensamentos dos filhos são influência direta dos próprios pais.

Na escola, ensinamos os alunos a serem amáveis, solidários, a respeitar o próximo, a não serem racistas, xenófobos nem homofóbicos. Mas se um desses alunos, ao chegar em casa, lida com um pai que seja racista ou homofóbico, por exemplo, ficará dividido. Então esse projeto foi muito bom. Eu consegui encontrar a causa da educação como uma causa minha e ainda acredito nisso. Tanto que, mesmo trabalhando com arte hoje, é provável que me anime se aparecer alguma proposta ligada à educação.

LV – A partir de que momento decidiu deixar o sacerdócio?

GL – Quando eu comecei a perceber que já não cabia mais dentro da instituição e que alguns projetos meus não eram aceitos. Nos últimos dez anos, eu percebi uma diminuição dos projetos sociais, o que me incomodou. Minhas ideias começaram a ultrapassar o limite do aceitável. O extravasar na arte está focado exatamente nisso. Eu tinha que achar um veículo da minha causa, porque ela ainda continua sendo os pobres, a defesa das minorias, o respeito por eles. Tanto que, após minha saída do sacerdócio, eu passei a não tolerar mais nenhum tipo de exclusão, pois agora eu não falo mais em nome da Igreja, da Companhia de Jesus. Antes eu tolerava, agora não tolero mais exclusão, seja com negro, mulher, pobre etc. A nossa tolerância faz com que esses violentos sejam mais agressivos e radicais. Eu não acredito na violência, nunca sou violento, mas decidi, após largar a batina, que não ficaria mais calado nessa dimensão. E a arte para mim é esse extravasamento de querer tentar defender os pobres de alguma maneira, com um trabalho artístico de qualidade.



LV – Que outros trabalhos você expôs antes da mostra *O Sagrado Primitivo*?

GL – A minha primeira exposição começou quando eu estava cursando Filosofia na faculdade. Eu fiz uma pesquisa muito bacana no campo da Antropologia Social, que foi um trabalho ligado à arte, sobre a mulher como fogo de radiação da cultura. Eu queria pesquisar por que as mulheres pobres brasileiras tendiam a passar para seus filhos a cultura **ruim** de exclusão. Exemplo: uma mãe negra pobre: por que ela passava aos seus filhos o pensamento de que ele não teria oportunidade, que tem que ser pobre mesmo, que eles não poderiam se casar com ninguém que fosse diferente deles?

Tudo isso, para mim, como foco de pesquisa, foi muito interessante. Eu conversei com mais de 80 mulheres no Nordeste, em Minas Gerais e na região de São Paulo, e então surgiu a primeira exposição chamada **Meninas do Brasil**. Fui coletando suas narrativas, gravando e depois relatando. Comecei a perceber que todas com quem conversava tinham um ponto vital que a condicionava para o resto da vida, seja positiva ou negativamente. Então tive um *insight* de pintar esse ponto, a questão vital dessa mulher.

Assim, pinteí vinte e uma telas chamadas **Meninas do Brasil**, com o nome das mulheres. A exposição consistia na pintura e na narrativa, com um fragmento de suas vidas que originou o quadro. Essa foi a primeira exposição de dimensão social. Foi uma mostra muito especial para mim, expus em vários lugares, incluindo a Itália. Inclusive, oitenta por cento dos quadros foram vendidos.

Eu trabalhei com duas formas de linguística: uma iconográfica, que é a pintura propriamente dita, e a literatura, que é a escrita. Isso para mim foi tão forte na mostra **Meninas do Brasil** que, quando eu concebi a **Sagrado Primitivo**, permaneci mais de um ano trabalhando somente seu conceito, sem pintar quadro nenhum.

LV – Como foi o processo de preparação da mostra *Sagrado Primitivo*? O que o levou a criá-la?

GL – O meu **fazer arte** está sempre conectado com a dimensão da justiça social, da defesa das minorias, independentemente do que se é produzido. A mostra **Meninas do Brasil** teve esse propósito de defesa da mulher, de dar voz às mulheres e a seu potencial. Na **Sagrado**



Primitivo, eu comecei a identificar, também na questão do sagrado, essa dimensão de necessidade da defesa social.

Quando eu pinto, por exemplo, o espírito de Deus mulher (fig.3), eu estou defendendo uma causa social de tantas mulheres que foram negligenciadas no processo iconográfico. Quando eu faço uma pintura de um anjo idoso, eu estou defendendo um grupo gigantesco de idosos ao longo da história, que não foram representados no seu processo vital. Então, o social sempre está conectado com essas obras.



Figura 3
Espírito de Deus

Meu trabalho seguinte (*esteve em cartaz, em São Paulo, no Conjunto Nacional de julho a agosto deste ano*), a mostra **A Vila do Sino** também está relacionado a isso. Não sei pintar por pintar. Se você me falar assim: “Geraldo, faz um quadro para eu decorar minha parede”, terei dificuldade em fazê-lo. A primeira coisa que vou te perguntar é: “O que é significativo para você?” “Quais são os elementos importantes para sua vida?” e, provavelmente, encontrarei algo ligado à defesa social para pintar esse quadro.

LV – Por retratar a santidade de forma diferente, com aspectos mais humanos, suas obras chegaram a chocar algumas pessoas. Na sua opinião, isso ocorre pela forma



como estamos condicionados a olhar determinadas imagens, as quais sempre foram retratadas de uma determinada maneira?

GL – Sim. Eu lhe dou um exemplo: em 2017, no dia de Nossa Senhora Aparecida, eu postei num grupo de *WhatsApp* de padres uma pintura minha chamada *Luzia*, que faz parte da mostra **Meninas do Brasil**. A obra traz a figura de uma menina negra e pobre, vestida de padroeira do Brasil. Só que a minha postagem da imagem com os dizeres “Nossa Senhora Aparecida, rogai por nós” gerou uma grande polêmica no grupo, pois os padres consideraram um absurdo representar Nossa Senhora daquela maneira.

Eu escutei todas as críticas e, com a graça de Deus, que me deu uma capacidade de argumentação sensacional, respondi a eles educadamente: “Eu não consigo entender vocês, se a Virgem era pobre e de uma região terrível da Palestina, provavelmente ela era uma menina com cara de pobre e, ainda mais, se a Virgem que nós intitulamos como Aparecida é negra e tem a cara dos pobres do Brasil, qual é o problema?”. Então obtive a resposta que não estavam acostumados com tal imagem.

Assim, o não rompimento de paradigmas é um problema dentro da Igreja, primeiro porque uma má formação teológica e filosófica impede esse rompimento; segundo, quanto mais fechado for o padre, religioso ou quem mais estiver à frente da igreja, mais autoritário será. No entanto, quanto mais aprofundados e inteligentes forem, mais abertos eles serão. Falar de uma desconstrução de algo estabelecido é, de fato, mexer com algo que não estão querendo que seja desconstruído. Por exemplo: é muito mais fácil associar o Espírito Santo à figura de uma pomba do que à imagem de uma mulher.

Há uma frase de que gosto muito: “A intolerância é uma questão de ignorância”, e eu acredito nisso, ou seja, quanto mais ignorantes nós somos em relação a determinados assuntos, mais intolerantes e fechados nós somos em relação a esses assuntos. Eu lhes dou um exemplo muito básico: se um homem não está esclarecido sobre sua própria sexualidade, afetividade, sobre o seu processo vital afetivo sexual, ficará incomodado diante do assunto que envolva uma causa sexual e isso independente de ele ser homossexual ou não. A questão é que a sua ignorância obscurece o olhar para o outro.



LV – Você falou da importância da desconstrução dentro da própria Igreja, e com relação a um leigo que observa sua obra na *Sagrado Primitivo* e se choca? Esse choque representaria o medo de uma desconstrução imagética a qual ele esteve submetido durante toda a sua vida?

Depende. Eu costumo dizer, e acredito muito nisso também, que todo ser humano é mistério e, diante do fato de ele se deparar com uma imagem e esta interpelá-lo de alguma maneira – positiva, negativa, profunda ou superficialmente –, ele tem a possibilidade de dizer “Eu quero entrar nesse mistério”, que é o mistério da obra de arte, ou não. O **não** talvez seja dizer “isso é uma besteira”, “isso para mim não significa nada” e “eu fico com as minhas convicções”. Agora, talvez essa abertura misteriosa seja olhar para a imagem e dizer: “É, eu nunca pensei assim. Vou começar a pensar sobre isso agora”.

Essa situação também acontece com o ser humano, ou seja, mesmo que ele nunca tenha se deparado com uma novidade, nunca tenha pensado sobre, ele pode se abrir e fazer uma experiência profunda a partir daquilo. Eu tenho uma visão positiva do ser humano. Eu sempre acredito que, mesmo não tendo estudado, mesmo sendo mais ignorante – falando culturalmente não pejorativamente –, todo ser humano tem a possibilidade de, a partir de algum momento, se abrir e falar “é verdade”, porque isso acontece conosco o tempo todo, mas quando estamos abertos ao novo.

Cito dois exemplos de passagem bíblica que revelam essa dificuldade de desconstrução imagética. Primeiro: a multiplicação dos pães e dos peixes. A interpretação tradicional diz que Jesus, ao pedir aos discípulos que alimentassem uma aglomeração de gente ao seu redor, escuta dos seus apóstolos: “Mestre, só temos cinco pães e dois peixes”. Então ocorre a multiplicação associada ao milagre. Mas, qual é esse milagre, a **magia** que está na multiplicação?

Agora também há uma interpretação social e humanizada: quando Cristo pega aqueles cinco pães e dois peixes, olha para aquele cestinho e olha para o Pai, Cristo acredita no ser humano. Esse é o gesto mais bonito, para o qual as pessoas não se atentam durante a leitura dos Evangelhos. Cristo tem tanta fé no ser humano que ele acredita que, no momento que apresentar o que ele tem, todos farão o mesmo. O povo, vendo a fé que Jesus tem neles, se compadece e deixa a bondade transparecer. Ele tem tanta fé no ser humano que, ao olhá-



lo, o ser humano se compadece por seu olhar e partilha os pães. É muito mais profundo do que fazer **mágica**.

Há uma passagem de um livro chamado **Alma Imoral**, que possui o fragmento de um livro que é uma interpretação do Gênesis, a qual eu acho uma das interpretações mais incríveis, em que se fala que não foi Deus que abriu o mar e o povo atravessou o Mar Vermelho. O povo, tendo fé no seu Criador, entra no mar e, quando as águas estavam cobrindo as suas narinas e eles já perdiam o ar, Deus se compadece com a fé do povo e abre o mar.

Todos os sinais e milagres de Jesus estão conectados com a dimensão do resgate da dignidade humana. É esta que deve ser resgatada, não é **magia**. Mas é mais fácil acreditar no sobrenatural.

LV – Em sua opinião, por que, dentro da própria Igreja, ainda há tantos conservadores que não dão a devida relevância à dimensão social como o próprio Papa Francisco tem feito?

GL – Não se trata de uma crise somente da Igreja. Esse levante conservador está em todos os âmbitos da sociedade: nos EUA, com os apoiadores do Donald Trump; no Brasil, com os defensores do Bolsonaro, que possui um discurso contra as minorias. Muita gente, porém, está seguindo essas figuras.

Na Igreja acontece a mesma situação, mas esse levante conservador e extremista não existe somente dentro dela. Eu acredito que a Igreja Católica teve muita sorte, acho que é influência de Deus mesmo, porque o Papa Francisco, de fato, é uma luz dentro dessa Igreja, tanto como proposta, quanto como teoria, espiritualidade e teologia. Quem dera se a Igreja tivesse mais um Papa Francisco no próximo pontificado, porque minha preocupação é que ele já está idoso.

A proposta do Papa é, definitivamente, voltar à fonte, voltar ao Cristo e ele tem feito isso em todos os âmbitos de sua fala. Eu acredito muito nisto em relação aos casais de segunda união, em relação às mulheres, à figura da mulher dentro da Igreja.

Outro dia estava conversando com um amigo e ele me perguntou por que mulher não pode ser padre e qual seria a explicação para isto. Eu respondi que não há explicação



lógica. Mas há quem diga que Cristo escolheu os doze apóstolos homens. Cristo, porém, está subscrito a uma tradição judaica. Será que a figura das mulheres realmente não significa nada? Consideremos Maria Madalena, Maria de Cléofas, a própria Maria, Mãe de Jesus... Que dizer do próprio anúncio da ressurreição, que foi para as mulheres e não para os homens? Foram elas que permaneceram fiéis o tempo todo ao lado de Cristo. Mas, claro, a cultura e a tradição oral machista judaica e cristã tira as mulheres de cena. Então você me pergunta “Por que mulher não pode ser padre?” Não há outro motivo que não seja o machismo, porém isso avança pouco. Há muitos envolvidos.

A grande inovação do *Amoris Laetitia* (exortação apostólica do Papa Francisco sobre o amor na família) foi a mudança da forma de um Papa falar, porque, em todos os documentos anteriores ao do Papa Francisco, os pontífices falam de modo normativo. Não há norma nesse documento do Papa. Há uma linguagem que o Papa Francisco adora que é a linguagem da misericórdia e da acolhida. Quando ele fala da comunhão com a Igreja dos casais de segunda união, ele coloca uma interrogação na cabeça dos conservadores, que é “Por que não?”

Esta interrogação também foi lançada quando ele foi interrogado sobre os homossexuais que estão buscando a Deus: “Se eles estão buscando a Deus, quem sou eu para julgá-los?” Qual é a interrogação que ele põe na cabeça de quem pergunta: “Por que não pode?” “Por que essa pessoa não pode estar na igreja?” A contra resposta é sempre preconceituosa. “Não pode, porque é pecador”; mas, você também não é pecador? “Não pode, porque é mulher”; mas, sua mãe também não é mulher?

Por isso, vemos que a postura do Papa Francisco é, totalmente, diferente de outros pontífices, porém, como ele trabalha com um grupo gigantesco de pessoas e a Igreja é uma tradição imensa, as mudanças são difíceis.

LV – Você poderia falar um pouco de seus livros?

GL – O **Sagrado Primitivo** foi o primeiro livro. Publicarei **Meninas do Brasil** e mais uma obra baseada em minha exposição mais recente, chamada **A Vila do Sino**. Trata-se de uma





REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 22

AGOSTO / 2018

ISSN 2177-2789

mostra elaborada juntamente com o meu amigo escritor André Araújo. Trabalhamos muito bem juntos e desenvolvemos um conceito muito bacana de criar uma vila no interior do Brasil. Nesse interior, há uma igreja e um sino; as badaladas desse sino motivam os personagens da vila. Então, contamos a história desses personagens. É uma exposição extremamente colorida, divertida e com aspecto diferente da *Sagrado Primitivo*. Em todas as imagens a igreja aparece, porque ela é o foco, é a religiosidade que une as pessoas. Cada personagem tem uma história.

Jack Brandãoⁱ

Mariana da Cruz Mascarenhasⁱⁱ

ⁱ Doutor e Mestre em Literatura pela Universidade de São Paulo (USP), Professor Titular do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA/SP) e coordenador do Grupo de Pesquisa CONDESIM-FOTÓS/DGP-CAPES.

ⁱⁱ Mestranda em Ciências Humanas, especialista em Metodologia do Ensino na Educação Superior e em Comunicação Empresarial, graduada em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo. Assessora de Comunicação e membro do Grupo de Pesquisa CONDESIM-FOTÓS/DGP-CAPES.